

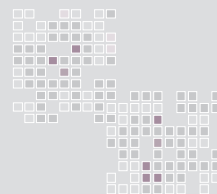
RESENHAS / RESEÑAS

REALIDADES, RELEITURAS E LATINIDADE**Obra resenhada/reseñada:**

PRATA, Nair; JACONI, Sônia; SANTANA, Flávio. **Pensamento comunicacional na América Latina** – textos antológicos e autores emblemáticos. São Paulo: Intercom, 2019.

Rodrigo Gabrioti

* Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (2018). Professor e coordenador do curso de Jornalismo na Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC Sorocaba, SP, Brasil). E-mail: rgabrioti@hotmail.com

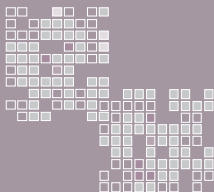


Feche os olhos e, sob a concepção geográfica do mapa da América Latina, pense a região. Seus países e povos agora estão simbolicamente ocupados por conceitos, ideias e personagens icônicos da pesquisa em Comunicação. Este exercício proposto é uma construção possível ao se ler *Pensamento Comunicacional na América Latina – textos antológicos e autores emblemáticos*. A publicação da Intercom, Sociedade Brasileira para os Estudos Interdisciplinares da Comunicação, materializa em 328 páginas, uma riquíssima herança deixada por um dos maiores empreendedores do campo: o latino José Marques de Melo. Seu nome se imortaliza e, entre tantos de seus legados, fica o compromisso de aglutinar pesquisadores experientes e iniciantes envolvidos em tarefas similares. Era essa mistura que o professor adorava e fomentava, deixando para sempre, seu mérito de grande articulador da pesquisa em Comunicação, desde a América Latina. Este novo trabalho foi um achado entre arquivos inéditos de seu computador após sua morte. E essa empreitada só foi possível porque Nair Prata, Sônia Jaconi e Flávio Santana herdaram esse espólio de pesquisa. Em esforço hercúleo, compartilharam a tarefa com outros pesquisadores que, assim como eles, já haviam sido escalados, sem saber, pelo professor, que os desejaria ver tocando adiante essa obra. A toque de caixa, a atividade foi cumprida e o livro publicado no ano seguinte à morte do professor.

Treze autores contemporâneos – Rose Mara Vidal de Souza, Nair Prata, Osvando José de Moraes, Rodrigo Gabrioti, Maria Ataíde Malcher, Felipe Jailson Souza Oliveira Florêncio, Sônia Jaconi, Eduardo Meditsch, Juliana Gobbi Betti, Maria Érica Oliveira Lima, Sônia Caldas Pessoa, Matheus Salvino e Guilherme Moreira Fernandes – renovam o pensamento de 10 autores cujas publicações originais se deram, nas décadas de 1970 e 1980, na Revista *Comunicação & Sociedade*¹. Essas realidades da época foram relidas contemporaneamente sob olhares destes doutores, mestres, mestrandos e doutorandos. Todos executaram a predileção de Marques de Melo pela sistematização da pesquisa com a construção de panoramas e a renovação de discussões que passam, na obra em questão, pelos seguintes temas: Cinema, Publicações, Comunicação Religiosa, Teoria e Prática Comunicacional, Literatura, Comunicação Participativa, Comunicação Horizontal, Jornalismo Científico, Notícia e FolkComunicação.

Antologia vem de trechos escolhidos. E para isso foram selecionados os escritos de Egon Schaden, Jaci Maraschin, B.P. Bittencourt, Anamaria Fadul e Pedro Braga dos Santos. Emblemático tem por característica o símbolo de qualidade. Nesta concepção, figuram os autores: Mario Kaplún, Luís Ramiro Beltrán, Eleazar Dias Rangel, Luiz Beltrão e Hugo Assmann.

¹ Primeira publicação científica do campo da Comunicação, no Brasil.



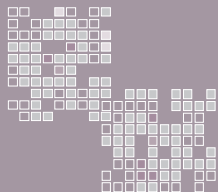
Na primeira parte do livro, os textos antológicos começam por Egon Schaden. Sua discussão trata a relação entre documento científico e documento cinematográfico. Nas entrelinhas, aponta como deve ser registrada a memória de um povo. No espaço, também se discutem a interdisciplinaridade entre antropólogos e cineastas, a imagem cinematográfica como problema de pesquisa, a Antropologia da Comunicação resgatada, as técnicas como forma de comunicação e o compromisso do autor com a divulgação científica. Teoricamente, Schaden concebe a América Latina pela Aculturação, conceito com origem, nos EUA, que estuda o encontro entre culturas diferentes. Um raciocínio acorde à peculiaridade desta América Latina tão plural. Ainda pelas linhas da delimitação, ele pontua a diferença entre docência e pesquisa. Ao professor (docência), é reservado dilatar temas das disciplinas para abrir outros olhares aos alunos que devem seguir seus passos. Ao pesquisador (pesquisa), um tema deve ser melhor observado para que se chegue às considerações do problema.

Na sequência, o texto de Jaci Maraschin valoriza o resgate bibliográfico na Comunicação e identifica a necessidade em haver uma bibliografia comentada. Com críticas abertas à universidade, destaca o papel das associações científicas, como a então “recente” Intercom². Na releitura desses pressupostos e assertivas, o reconhecimento de que Maraschin contribuiu à memória do campo.

Depois, com B.P. Bittencourt, vem a construção de um mosaico cultural envolvendo Fé, Religiosidade e Crenças passando por temas como a comunicação dos jesuítas na catequese dos índios e a relação homem-mulher. Para cada situação, o autor é enfático ao pontuar o entendimento dos contextos culturais para explicar cada momento. Ao considerar a escrita e a oralidade como formas de comunicação e ao discutir ações do apóstolo Paulo, como a privação de sua existência por não existir publicamente, a releitura questiona: estaria a América Latina privada de existência?

Duas questões centrais do campo da Comunicação são discutidas por Anamaria Fadul. Primeiro, a relação entre teoria e prática, pelo viés da Filosofia. A seguir, uma condição que acompanha e perdura nos estudos do campo: a dependência bibliográfica de estrangeiros. Quando Fadul questiona Teoria e Prática, o faz porque os cursos de Comunicação colocam ambas em situações separadas, como se correspondessem a dois momentos distintos da formação do estudante na Área. Além disso, a pesquisadora, uma das fundadoras da Intercom, ressalta

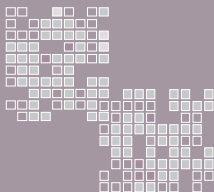
2 Sociedade Brasileira para os Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Fundada em 12/12/1977. O texto, de Jaci Maraschin, “No caminho da descolonização editorial”, foi publicado em junho de 1979.



as teorias que a América Latina aplica paradigmaticamente mesmo sabendo que elas se deram em realidades totalmente distintas das suas. Assim, 40 anos depois, reler esse texto parece algo escrito na atualidade, já que todas as observações seguem vigentes e precisam se manter como problemática aos pesquisadores de hoje bem como identificaram os que realizaram a nova leitura.

Para fechar a dimensão antológica, uma discussão sobre Literatura, feita a partir das funções estéticas e de organização interna dos textos, à luz de Pedro Braga. Literata, a América Latina implica múltiplos sentidos. Na releitura de seu texto, estão reforçadas a ligação do autor com a Comunicação Popular e Religiosa, além das analogias com as funções de linguagem, a licença poética e o grau zero da escrita.

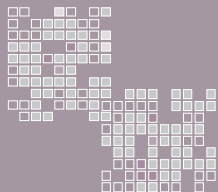
Depois de centralizar nos textos, a segunda parte do livro mira os autores, qualificados como emblemáticos. A abertura é pelo texto de Mario Kaplún que faz, com profundidade, uma excelente discussão teórico-metodológica. Isso nos faz ter a certeza de que o mesmo não foi incluído por acaso nessa posição emblemática. Mais uma vez se destaca a perspicácia do professor José Marques de Melo para capitalizar isso. A pesquisa do Cassete-Foro, de Kaplún, é indiscutivelmente um exemplo qualificado de trabalho científico. A partir de uma experiência campesina, no Uruguai, na passagem da década de 1970 para 1980, o autor desenvolveu um modelo genuinamente latino-americano para mensurar e teorizar a participação de trabalhadores de cooperativas agrícolas por meio da comunicação. Vai desde a análise sobre a espontaneidade da expressão das pessoas até a observação de que todos devem se alternar no papel emissor-receptor, condição colocada como premissa de realização da comunicação. A isto ele chega depois de questionar, como problema de pesquisa, o grau de participação dos envolvidos no processo. São buscadas também evidências empíricas que levem a um conceito de Comunicação, popular e participativa, que apenas se efetiva com base nas necessidades e aspirações de seus participantes. A leitura desse texto *La comunicación participativa como praxis y como problema: la experiencia del casete-foro* é indispensável para pesquisadores em Comunicação porque se trata de uma referência. Mais do que o exemplo analisado à época, que pode ser transportado para os dias atuais de outras maneiras, os elementos e condições que fundamentam o estudo são um modelo a ser seguido. É para entrar na galeria de clássicos como legado de Mario Kaplún que atesta: participação não é medição! Quando essa discussão é trazida para a releitura do original, os autores que se dedicam à tarefa, ademais de pontuarem o interesse do pesquisador em aprender a realidade latino-americana, sentenciam que a participação pela comunicação segue como desafio, apesar das tecnologias que estão disponíveis na atualidade. Ou seja, esta conclusão somada ao que Kaplún entende por participação, permite apontar que, nestes tempos digitais de avanços expressivos, curtir e compartilhar não necessariamente significam ações participativas.



Toda essa perspectiva que Kaplún faz se amarra perfeitamente ao texto subsequente, apresentado no livro, que é um clássico nos estudos comunicacionais: *Adeus a Aristóteles: Comunicação Horizontal*, de Luís Ramiro Beltrán. Para começar a tratar desta outra discussão, é necessário complementar algo em relação ao que Kaplún deixara transportado à atualidade dentro de um espaço de tempo aproximado de 50 anos. Quando hoje se olha para o digital, cujo discurso gira em torno das possibilidades de igualdade, é preciso cautela. Ter acesso, aprender e ensinar de forma *on-line* como tem sido experimentado, por alunos e professores, em meio à pandemia do Coronavírus pelo mundo todo e que coincide com o momento de produção desta resenha, em 2020, participar de *lives* e videochamadas, como formas de estabelecer o “contato pessoal” entre telas, não representa uma Comunicação Horizontal. Retomando Beltrán, ele evidencia que a democratização da comunicação só se dá pelo conceito e pela prática, por isso, acesso, diálogo e participação são elementos-chave no processo sistemático da horizontalização comunicacional. E um dos obstáculos para isso é reconhecido pelos próprios latinos ao não terem completa certeza que estão na presumível aldeia global haja vista que milhões de pessoas ainda não têm acesso a qualquer meio de comunicação.

Mas por que o referido texto de Luis Ramiro Beltrán é um clássico? Porque ele repassa, como revisão bibliográfica, por toda a trajetória dos estudos em Comunicação tais como a Fórmula de Laswell; a Eletrônica e o modelo matemático de Shannon e Weaver; Wilbur Schraam, com as noções de codificação e decodificação; Cibernética, na perspectiva da retroalimentação; David Berlo, com os significados da comunicação centrados nas pessoas e não nos símbolos. As críticas de Beltrán surgem e se somam ao instinto latino-americano de questionar as diretrizes teórico-metodológicas advindas dos países desenvolvidos. Nisto, o texto dialoga com a análise de Anamaria Fadul, que está entre os antológicos, evidenciando a nossa herança em teoria e metodologia reverberada pelas experiências de comunicação dos Estados Unidos e da Europa. Outro fator que se associa ao que Beltrán contesta é a perspectiva dessa “definição” de Comunicação como transmissão calcada no paradigma de processo de transmissão de mensagens de fontes a receptores por meio de canais transportando sinais. Isto tem sido levado adiante e se mantendo ao longo dos tempos como premissa, por exemplo, dos estudos de Teoria da Comunicação, os quais o autor enquadra no conceito da educação bancária, de Paulo Freire. É nessa conjuntura que Luís Ramiro Beltrán identifica: quase todos os críticos latino-americanos se condensam na comunicação vertical, de cima para baixo, dominante, impositiva, monológica, manipuladora e não democrática.

Os emblemáticos continuam e, na reta final da obra resenhada, o Jornalismo entra em cena. Inicialmente pela contribuição de Eleazar Diaz Rangel que apresenta o contexto histórico da técnica da pirâmide invertida cujo resultado é o *lead* como alternativa à bar-



reira técnica da reprodução do telégrafo. A experiência latino-americana com a técnica norte-americana (mais um modelo comunicativo importado) se dá quando os correspondentes dos EUA a introduzem nos jornais latinos, começando pela Argentina, quando o mundo assistia à Segunda Guerra (1939-1945). Além do *lead*, observado na releitura de atualização como oposição ao constructo narrativo anterior, Diaz Rangel também cita em seu texto original, considerando os exemplos da imprensa venezuelana, uma revisão do conceito de notícia, seus valores e as formas de adoção da pirâmide invertida.

Primeiro doutor brasileiro em Comunicação, Luiz Beltrão – de quem Marques de Melo foi discípulo, no Brasil – traz as folhas volantes, como meio de comunicação, e os videntes, como mediadores, para analisar a credence popular na dicotomia Fé *versus* Ciência pela Folkcomunicação. Deixando claro que Beltrão nada publicou, mas sempre explanou sobre Folk, em congressos e entrevistas, o texto que atualiza o pensamento beltraniano aponta o preconceito da teoria genuinamente brasileira, tida apenas como fonte, o Folclore.

Finalizando, vem a discussão de Hugo Assmann sobre notícia científica. Ao considerar que a Ciência expulsou de seu objeto e também dos procedimentos de pesquisa, o “para quê” e “para quem”, ele alerta que todo fato precisa ser conhecido e ao menos identificado. Logo, é importante haver divulgação científica. Por meios de comunicação de sua época, fez essa análise sem ter vivenciado sequer o início desta efervescência tecnológica da atualidade. A releitura de seu texto atualiza o conceito da notícia científica demonstrando novas práticas de divulgação sinalizando que os resultados da Ciência não dependem mais da mídia convencional. Basta observar a explosão dos *Podcasts*, inclusive, no meio científico.

Embora a obra que resenhamos tenha sido dividida entre textos antológicos e autores emblemáticos, o conjunto todo de conhecimento reunido nela é essencial para entender culturas, contextos, processos, epistemologias, e outras tantas situações latino-americanas. Este continente se demonstra muito forte como espaço de pesquisa à Comunicação, mas sua própria condição de abrigar os “países em desenvolvimento” que carregam inúmeras mazelas, principalmente as sociais e econômicas, também nos atinge, principalmente, na configuração de uma identidade como Escola de Comunicação e nas questões de ordem teórico-metodológica que ainda conflitam com o nosso Pensamento. Não à toa encontramos preocupações coincidentes, em alguns momentos, que denotam essas fragilidades prolongadas pelo tempo e empunhadas por grandes nomes do nosso campo. O legado da maioria é a inspiração para a missão que continua!

